

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES NO CONTEXTO AMAZÔNICO: Algumas reflexões a partir do tema

Dr. Oneide Bobsin¹

O tema do Dossiê fala de religião e religiosidades num espaço geográfico, social, político e econômico específico e nada isento dos conflitos gerados por interesses contraditórios em âmbito regional, nacional e internacional. As manifestações religiosas não pairam no vácuo, embora não sejam produtos de contextos, mas por eles estão profundamente marcados. Em linguagem teológica poderíamos falar de encarnação. As manifestações religiosas tratadas no Dossiê são mais universais, isto é, não são frutos da região amazônica, mas recebem tonalidades de uma imensidão de verde e com muitas águas ameaçadas pelo lucro do capital.

A expansão e implementação da Assembleia de Deus no Amapá, conforme considerações sócio-históricas, ganha contorno gerais e específicos, já que os pioneiros suecos, à margem de uma igreja luterana de Estado migram para os Estados Unidos, de onde navegaram para Belém do Pará. Logo, diríamos que tal manifestação pentecostal sente-se em casa naquele contexto tão diferente para os pioneiros e as pioneiras do evangelismo assembleiano. De fato, as condições externas ao fenômeno religioso criam as condições para a sua expansão. Entre os fatores externos os autores destacam o fluxo migratório interno ao contexto amazônico, o papel da ideologia desenvolvimentista, os grandes projetos de industrialização e não menos importantes as resistências do catolicismo, ali já enraizado, à nova mensagem pentecostal dirigidas em grande parte para os pobres.

No passado e no presente as migrações constituíram-se em fatores importantes para a expansão de credos religiosos. No momento vemos migrações forçadas em massas em razão de guerras e conflitos, mas também em busca de novas oportunidades de trabalho. Em relação a estes fatores migratórios podemos dizer que são quase universais. Além disso, o desenraizamento de populações, movidas por interesses alheios às religiões, incide sobre religiões institucionalizadas e sobre religiosidades um tanto livres de aspectos doutrinários. O desenraizamento de populações, de modo geral as mais pobres, pode produzir a anomia de um lado, ou a sua superação pelo fundamentalismo, por outro. Mas este binômio – anomia e fundamentalismo – pode dar lugar ao sincretismo.

Assim, o mesmo contexto amazônico demarcado pelo Estado do Amapá, compreende outras manifestações religiosas já “naturalizadas” pelo tempo de

¹ Professor de Ciências da Religião na Faculdades EST. Concluiu o Mestrado em Ciências da Religião e o Doutorado em Ciências Sociais/ Sociologia da Religião na PUC- SP, em 1984 e 1992, respectivamente. Foi reitor da Faculdades EST entre 2007 e 2014. Editor de Protestantismo em Revista.

coexistências não tão simétricas e pouco cordiais, diferentes das manifestações espirituais assembleiana. A análise da manifestação Marabaixo nos revela uma religiosidade de resistências. As resistências culturais são forjadas a partir de sincretismo ou hibridismo. Hibridismo, quando uma manifestação religiosa dá a tonalidade mais forte a uma síntese ou “mistura”, ou sincretismo, quando manifestações distintas se fundem. Tal tonalidade sincrética se manifesta na culinária, na música, no canto, na dança, e outras formas de manifestação popular. Como diria o antropólogo Geertz, a religião se constitui como um sistema cultural. No caso do Amapá, como em tantos outros contextos latino-americanos, a resistência cultural sustenta um mínimo de dignidade diante de tanta violência nascida da desigualdade e da falta de reconhecimento de suas práticas religiosas por terem origem em matrizes africanas.

Relacionado os dois textos apresentados até aqui, ousaria dizer que a implementação pentecostal certamente representou e representa mais uma manifestação religiosa que traz novas polarizações. As populações identificadas com Marabaixo podem ser demonizadas, a exemplo do que fizeram instituições religiosas hegemônicas acopladas às elites, mas predominantemente composta por pobres.

Contudo, a polarização não se repete de forma tão estanque assim. Como a manifestações do Marabaixo se tornam uma identidade que se perfila num sistema cultural, o todo da população bebe da mesma fonte. Neste caso podemos levantar como hipótese a continuidade cultural entre manifestações distintas, mas com rupturas no âmbito institucional e teológico. Desta forma, as manifestações religiosas da região amazônica não fogem das dinâmicas mais gerais do campo religioso brasileiro.

Mesmo que não haja uma intencionalidade de coerência entre os textos do Dossiê, a análise da historiografia a respeito da atuação da Companhia de Jesus nas fronteiras amazônicas do século XVIII, nos ajuda a entender o lugar das dimensões institucionalizadas das religiões. A Companhia de Jesus teve uma atuação importante na educação brasileira do período colonial, não obstante seu eurocentrismo. Desde o período de seu surgimento como movimento de contrarreforma do século XVI a Companhia de Jesus se constituiu numa defesa intransigente do catolicismo tridentino. Não podemos olhar para um campo religioso regional, como o amazônico e tantos outros, sem a presença de ordens religiosas como a Companhia de Jesus. O levantamento bibliográfico e sua consequente análise certamente nos dá uma dimensão de uma ordem católica em defesa de uma confessionalidade que se constituiu numa barreira para expansão do protestantismo e de outros credos na península ibérica e na América Latina. A ortodoxia religiosa e teológica é parte integrante de um campo religioso. O termo “religião” no tema do Dossiê aponta para este aspecto institucional.

Mesmo com a força de uma institucionalidade religiosa como a Companhia de Jesus e outras, manifestações religiosas como Marabaixo e o pentecostalismo assembleiano expandem-se naquele contexto em momentos distintos. Provavelmente,

a atuação da Companhia de Jesus para além da educação ofereceu resistência menor às práticas religiosas de fenômenos como Marbaixo do que posteriormente ao pentecostalismo assembleiano. As manifestações religiosas sincréticas já são por si resistências às formas institucionalizadas da religião oficial da colônia e do império.

De qualquer forma pode-se afirmar que a religião oficial e as novas formas de evangelismo incorrem na violência etnocida em relação às religiões dos povos tradicionais de matriz africana e indígena. A constituição de um Estado laico está sendo ameaçada, a meu ver, pela submissão de instituições religiosas e de lideranças midiáticas aos ditames da política neoliberal. O Estado e a sociedade sob forte influência de um mercado que perpassa o campo religioso transformam as manifestações religiosas em mercadorias. Evidente que há forças minoritárias nas Igrejas ao lado de lutas por resgatar a identidade nas religiões dos povos tradicionais. Por fim, não podemos ver as manifestações religiosas como monolíticas. Elas estão marcadas por conflitos distintos de visão de mundo, possibilitando, assim, uma crítica ainda minoritária à mercantilização da fé subordina a um Estado neoliberal financista.

As manifestações religiosas, seguindo Marx, pautam-se por um movimento dialético. A religião é uma expressão da miséria real, mas também um protesto contra tal miséria. Penso que análises como estas do Dossiê contribuem para o debate acadêmico de fenômenos religiosos subordinados à dinâmica do capital, mas que, ao mesmo tempo, são sinais de resistências aos sofrimentos causados pelas desigualdades sociais.

Oxalá, as manifestações religiosas da região amazônica, possam ser lidas e analisadas numa perspectiva de uma diversidade reconciliada nas diferenças com fortes impulsos para a superação das desigualdades. Além disso, as análises teóricas comprometidas com a transformação da realidade estão acenando para o descentramento dos seres humanos. Seres humanos são parte de um todo, e não o centro. Com esta visão o antropocentrismo é questionado e a diversidade exaltada.